

A formação digital e o futuro educacional pós-pandêmico: práxis modernas mediadas por líderes e gestores de equipes

Elisângela Alves Pinto

RESUMO

Em um mundo pós-covid, entramos em uma nova era da educação e não há espaço para retrocessos. Nesse sentido, é inegável a necessidade de ressignificação dos profissionais e ajustes à realidade digital, na qual o poder de uma boa formação proporciona novos papéis no constructo docente e na postura discente. Mais do que nunca, torna-se imprescindível uma capacitação significativa, contextualizada com os interesses de uma geração imersa no mundo digital. Não obstante, é vital que haja um exercício docente mediador, realizado por líderes plenamente capacitados e dotados de habilidade na Gestão de Pessoas. Nesse sentido, o presente trabalho aborda um conjunto de técnicas e metodologias eficazes para a prática didática digital, sem perder de vista o desenvolvimento de capacitações cognitivas, intra e interpessoais exigidas do profissional do presente século, bem como o imprescindível papel dos governantes, no sentido de proporcionar uma reestruturação educacional a fim de transformarmos as múltiplas realidades existentes no chão das instituições de ensino.

Palavras-chave: Formação. Gestão. DigiPedagogia. Intencionalidade. Mediação

1. Introdução

O ano corrente ainda está se recuperando de sequelas causadas pela pandemia que se instalou em todo planeta há quase vinte e quatro meses atrás. Na presente era, tornou-se claro que o papel do docente reconfigurou-se e terá que ser ajustado ao desenvolvimento de uma série de competências e habilidades exigidas por um mundo cada vez mais digital.. No entanto, para alcançar a excelência da práxis didática moderna, faz-se necessária a existência de uma liderança mediadora que tenha intencionalidade pedagógica e busque lograr êxito na gestão de equipes.

Como bem sabemos, professor / educador que seja busque uma práxis docente dotada de intencionalidade, tem como foco construir uma ambientação a fim de conduzir o aluno à aquisição de competências e habilidades. Para isso, tanto o espaço físico quanto o virtual, demandam um chão pedagógico onde as mediações possam ocorrer de modo relacional. Em um contexto de aulas híbridas, causada pela necessidade de escalas para não haver aglomerações, o docente precisa priorizar eficazmente sua práxis mediadora tanto em aulas presenciais quanto nas virtuais.

No entanto, embora esteja passando por transição, a prática da conscientização interrelacional (seja virtual ou presencial) não é muito comum de se encontrar nas formações profissionais docentes, sobretudo no Brasil. MORIN (2005) levanta uma questão fundamental

quando pergunta: “quem educará os educadores”? Afinal, para que educadores exerçam uma práxis significativa, necessita haver a garantia de uma formação que possa gerar requisitos fundamentais para a compreensão da ação pedagógica consciente.

No compasso dessa reflexão, cabe aos formadores de novos docentes estimularem uma emergencial redefinição da atuação pedagógica e uma visão clara do contexto hodierno tecnológico no qual estamos imersos. É necessário haver clareza no entendimento do educador com relação ao papel que as tecnologias precisam ocupar na educação, para que haja um uso consciente e responsável.

[...] para evitar ou superar o uso ingênuo dessa tecnologia, é fundamental conhecer as novas formas de aprender e de ensinar, bem como de produzir, comunicar e representar conhecimento, possibilitados por esses recursos, que favoreçam a democracia e a integração social (ALMEIDA & PRADO, 2006).

Reconhecendo o imenso poder da Educação Digital, bem como a adoção de práticas relevantes para a formação contemporânea dos respectivos profissionais da modalidade, apresentamos nesse trabalho um conjunto de metodologias que visam orientar o profissional no estabelecimento de uma liderança mediadora e também uma eficaz gestão de equipes, contextualizando com o novo cenário educacional instaurado pós pandemia.

2 O Poder da Educação Digital em Tempos Pós-Covid

É inegável o poder que a Educação Digital exerce sobre a vida dos discentes, sobretudo os que pertencem à Geração Alpha. Dessa forma, é vital gerar profissionais capacitados com o que há de mais moderno em termos de Metodologias e Recursos Digitais. Apesar de termos vividos tempos de profunda calamidade, a crise nos ajudou a avançar tecnologicamente e experienciamos, nesse contexto, novas maneiras do fazer didático.

Não obstante, a utilização plena das tecnologias em sala de aula demonstra uma postura segura do fazer docente, uma atitude equilibrada no sentido da predisposição de se estar aberto para superar limitações e ainda se beneficiar através do conhecimento de inovações pedagógicas, sobretudo no que diz respeito à digipedagogia (termo relativamente novo que faz referência à Pedagogia Digital). Abrir-se para as possibilidades pedagógicas digitais permite ao docente alcançar o perfil do aluno da nova era. Afinal, não se pode olvidar que, na atualidade, as necessidades do aprendiz contemporâneo são muito diferentes das gerações anteriores, pois eles necessitam de uma extensão de sua realidade interativa com os

recursos digitais. “Ser educado hoje em um entorno escolar desconectado da vida cotidiana é frustrante para qualquer aluno ou aluna” (JENKIS, 2006).

Produto de décadas na prevalência de um estilo arbitrário educacional, criou-se entre professores e alunos um enorme abismo relacional e esse fator foi a causa da preponderância de necessárias interferências no processo de ensino-aprendizagem. Professores precisam analisar melhor o chão da escola e suas múltiplas possibilidades, pois os alunos alteraram seu jeito e vontade de aprender. A práxis educacional moderna requer que o professor vá ao encontro do aluno e não o oposto, como sempre ocorreu no estilo tradicional educacional.

“No passado, os alunos tinham que se adaptar aos métodos dos professores, mas atualmente o professor deve procurar ir ao encontro dos interesses e da linguagem dos alunos, sendo flexível [...] (JESUS, 2008)”.

Sendo necessário esse movimento de ir ao encontro dos interesses discentes, é inegável que devemos, então, utilizar como instrumentos pedagógicos os recursos que fazem parte da sua zona de realidade vivida. Dessa forma, ao praticar a digipedagogia inovadora, o professor caminha e se aproxima da linguagem tecnológica dos alunos, tornando possível um espaço interrelacional, tornando o ensino mais prazeroso e contextualizado.

Neste sentido, a combinação da internet com as novas tecnologias está trazendo novos desafios pedagógicos para a educação. Torna-se indiscutível o impacto dessas tecnologias na educação que abre, portanto, possibilidades de exploração de espaço virtual e potencialização da aprendizagem [...] (PRUDÊNCIO, CARVALHO e FERREIRA, 2007).

2.1 Formação de Profissionais Digitais na Educação

Todo o processo de formação docente, bem como a ressignificação das suas respectivas práticas cotidianas, readequação às exigências pós pandêmicas e inovações nas práxis contextualizadoras, apresentam variáveis de resiliência, readaptação e reinvenção do fazer docente. Dentro dessa readequação, o docente compreendeu que as tecnologias aplicadas à educação são de suma importância pois correspondem ao perfil do aluno contemporâneo e valoriza o cenário pedagógico contextualizado.

É necessário que o professor/educador busque o conhecimento das diversas ferramentas tecnológicas educacionais, sobretudo as que possam valorizar o que os alunos já sabem, provendo um contínuo processo de conhecimento e superação cognitiva. Dessa forma, a efetiva aprendizagem ganhará espaço e se tornará mais adaptada às necessidades individuais discentes, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades, não apenas sendo

fonte superficial na tentativa de criar uma atmosfera de professor moderno e conectado, sem que o seja de fato (comumente encontrado nas mais diferentes instituições).

Nesse aspecto, a experiência pedagógica do professor é fundamental. Conhecendo as técnicas de informática para a realização dessas atividades e sabendo o que significa construir conhecimento, o professor deve indagar se o uso de aparatos digitais está ou não contribuindo para a construção de novos conhecimentos (VALENTE, 2003).

A fim de criar, de fato, uma pedagogia digital que seja concernente com o mundo discente., é necessário fazer a junção da experiência didática docente com o uso das possibilidades virtuais. Portanto, faz-se urgente estabelecer novos parâmetros didáticos no atual mundo pós pandêmico, no qual avanços na compreensão e utilização de recursos digitais foram forçosamente incorporados na práxis educativa de muitos docentes que, até então, eram avessos às modernidades tecnológicas.

Tendo em vista que o ensino não fosse parado, mesmo que docentes e discentes necessitassem estar em isolamento, os professores tiveram que adequar-se às TIC's, e continuar provendo o ensino, mesmo dentro de suas casas. Hoje, já diante de um contexto educacional híbrido, permanecemos tendo que continuar oferecendo serviço digital, pois a escala de discentes nas escolas não pode ultrapassar parâmetros determinados a fim de se evitar aglomerações arriscadas.

Vale ressaltar que o que vivemos hoje já é uma ponte para o cenário educacional do futuro, pois de acordo com estudiosos, a tendência educacional é priorizar e garantir que a combinação do digital com o presencial no fazer docente permaneça (REIMERS, 2021).

2.2 O Docente no Papel de Líder Mediador

Em sintonia com as teorias de Vygotsky (1993), no que diz respeito à aquisição de novas capacidades intelectuais através do modelo de zona proximal, podemos considerar que se o professor for referência significativa como modelo de liderança a ser imitado, esta será a peça-chave para o empoderamento de crianças e jovens em seu próprio papel enquanto líder e cidadão global. A gestão do trabalho em equipes e as consequentes competências originadas por essa metodologia, situam-se como pertencentes a uma postura de liderança mediadora, participativa e eficaz.

De acordo com Soria e García (2015), inúmeros relatórios destacam a interface entre gestão, processos de liderança e conquistas na qualidade da educação. Para as pesquisadoras espanholas, é preciso destacar a importância da liderança docente como objetivo central de Revista Tecnologias na Educação – Ano 13 – Número/Vol.36 – Edição Temática XVII - **Fórum Práxis Educativas e Chão da Escola** - tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

gestão nas escolas, desde que seja de cunho democrático e que visem o protagonismo individual, ao passo em que também encorajam os educandos a tornarem-se proprietários e mestres de si mesmos.

Rodríguez (2013) afirma que a função da educação é ajudar os alunos a amadurecerem, expandirem seus conhecimentos sobre o bem e a desejá-lo mais do que tudo. Isso incluiria também o autoconhecimento, o desenvolvimento de virtudes como servir e ajudar, ter prudência, liderar, controlar as próprias emoções, e, desse modo, proporcionar o crescimento da postura ética e de integridade.

2.3 Gestão de equipes em Sala de Aula

É salutar que um docente líder comprometido com a excelência da formação exerça uma gestão exímia de pessoas e equipes em geral. Para que possa promover uma boa gestão, torna-se fundamental que o mediador saiba dividir funções, estabelecer objetivos, entrelaçar relacionamentos e definir prioridades para cada grupo. À medida em que o professor entenda a importância do fazer, irá proporcionar aos discentes autonomia, motivação e entusiasmo na prática da busca do conhecimento e, agindo assim, ganhará tempo hábil para (re)formular estratégias, buscar inovação na práxis docente e proporcionar o desenvolvimento contínuo, significativo, transformador e libertador.

Para um verdadeiro líder, promover a gestão de equipes significa proporcionar ao educando a oportunidade de interagir, trabalhar em coletividade, trocar ideias e experiências, aprender a lidar com diferenças e situações adversas, debater conceitos, desenvolver a oralidade por meio da persuasão, exercer a visão democrática, superar preconceitos, cultivar habilidade interpessoal, capacitar a intrapessoalidade, trabalhar a homeostase, estimular a plasticidade neural, crescer colaborativamente, exterminar a estereotipagem, destruir o efeito de Halo e abrir a janela de Johari.

“A segunda grande dimensão da Gestão da Sala de Aula é a Organização da Coletividade, aquilo que, muitas vezes, chamamos de clima de trabalho ou disciplina. A situação pedagógica, apesar de não dispensar, de forma alguma, o momento de elaboração individual —condição para a construção do conhecimento no sujeito—, é marcada pela dinâmica do coletivo, já que não se trata de apenas um aluno adquirindo conhecimento, mas toda uma classe.” (Vasconcelos, 2017).

A Organização da Coletividade deve ser priorizada como prática contínua, apoiando-se em técnicas e metodologias de aprendizagem em grupo. Dentre essas metodologias, as mais indicadas são as denominadas como ativas. Ressalta-se que as Metodologias Ativas são

aquelas em que os alunos se envolvem no processo de aprendizagem e tomam uma postura ativa frente ao conhecimento. Nesse estudo abordaremos de forma breve as principais técnicas metodológicas modernas e propomos que os leitores aprofundem-se no conhecimento das mesmas, bem como permitam-se exercê-las em suas práxis educacionais, a fim de experimentarem profundas transformações didáticas no constructo do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, podemos recomendar as seguintes Metodologias Ativas como as mais indicadas: Team Based Learning (Aprendizagem baseada em equipes – doravante conhecida como ABE), Classroom Discussions (Discussões em Classe), Collaborative Learning (Aprendizagem Colaborativa), Paired Annotations (Anotações Emparelhadas), Double Entry Journal (Diário – Dupla Função), Send-A-Problem (Resolução de Problemas), One Minute Paper (Artigo de Um Minuto), Value Line (Linha de Valor), PJBL – Project Based Learning (Aprendizado Baseado em Projetos), Peer Instruction (Instrução em Pares), Station Rotation (Rotação por Estações de Aprendizagem) e Flipped Classroom (Sala de Aula Invertida).

A fim de sintetizar as Metodologias Ativas acima mencionadas, podemos conceituá-las da seguinte forma: *Team-Based Learning*: consiste em criar grupos de aprendizagem com o propósito de trabalhar num mesmo espaço físico. *Classroom Discussions*: metodologia que prioriza debates e exposição de ideias de forma oral. *Paired-Annotations*: técnica que fortalece a discussão entre os participantes em prol de uma ideia conjunta. *Double Entry Journal*: trata-se de uma técnica que desenvolve a capacidade de assimilação de conteúdo. *Send-A-Problem*: Pode ser usada para engajar os alunos em um processo de resolução de problemas. *One Minute Paper*: pode ser usada para avaliar o aprendizado dos estudantes ao fim da aula e pode também fornecer um *feedback* importante sobre o processo envolvido na realização das atividades em grupo. *Value Line*: técnica de formação de grupos heterogêneos. *Project Based Learning*: A ABP é uma derivação da Metodologia de Resolução de Problemas, uma vez que ambas pensam o aluno como protagonista e a aprendizagem é realizada na prática, preferencialmente estabelecida em conjunto.

Vale ressaltar que, no lugar dos problemas, a PJBL propõe projetos de execução que podem durar um número pequeno de aulas ou até um semestre. *Peer Instruction*: Pares de alunos debatem entre si sobre um problema criado pelo professor, um mesmo objeto ou componente curricular. *Station Rotation*: modalidade do ensino híbrido que permite circuitos em sala de aula e cada grupo circula por estações diferentes. *Flipped Classroom*: oposta ao sistema tradicional (em que o aluno aprende em uma aula expositiva primeiro e faz a tarefa de

casa sozinho), é realizado um estudo prévio em casa, por meio de materiais digitais e, após esse estudo individual, os alunos vão para a aula para tirar dúvidas, debater, trazer assuntos complementares, desenvolver projetos e atividades em grupos.

Apesar de peculiaridades existentes em cada uma das Metodologias Ativas acima indicadas, é importante deixar claro que elas funcionam melhor quando apoiadas em tecnologias digitais e torna-se vital considerar a organização do espaço para o uso colaborativo e integrado dessas tecnologias. Também vale ressaltar que os papéis desempenhados por docentes e alunos sofrem alterações em relação à proposta de ensino tradicional e as configurações das aulas favorecem momentos de interação, colaboração e envolvimento com as tecnologias, seja de modo presencial ou online.

Por outro lado, vale acrescentar que de nada adianta a implementação de tecnologias digitais na rotina escolar adotando computadores, *tablets* e outros equipamentos, se não houver uma reconfiguração metodológica. Infelizmente, não são poucos os docentes que fazem uma transposição das aulas “tradicionais” para o modelo online e insistem na valorização da exposição do conteúdo “de um para muitos”. Tais profissionais arcaicos continuam a fazer o mesmo na atual metodologia híbrida provocada pela pandemia.

Muitos são os docentes que, apesar de marcarem aulas síncronas, utilizam uma lousa para escreverem e fazerem seus alunos copiarem ainda que estejam do outro lado da tela do aparelho eletrônico em que estejam assistindo as aulas. Ademais, ainda dão o tradicional tempo para que os estudantes passem para seus cadernos os conteúdos escritos na lousa e depois os tais ainda precisam fazer as atividades indicadas em seus livros e depois voltam ao encontro síncrono virtual para efetuarem correções dos deveres. Como se não bastasse, a prática acima descrita é até elogiada por gestores que acompanham as práticas docentes individuais e isso comprova que tais profissionais não tenham a menor ideia do que significa incorporar a digipedagogia no fazer docente.

Não obstante, também há docentes que nem ao menos encontros síncronos marcam, tamanha é a insegurança de suas capacidades didáticas no enfrentamento de aulas virtuais. Dessa forma, utilizam riquíssimas ferramentas digitais da Educação de modo precário, apenas para postarem conteúdos em formas de arquivos ou apenas se limitam a escrever instruções nos espaços de comunicação das plataformas, pedindo para que os discentes copiem e depois mandem exercícios por meio de anexos para suas respectivas avaliações somativas.

Diante do exposto, há de se acordar que a ultrapassada didática tradicional impera de forma vitoriosa, mesmo por meio da utilização de ferramentas que têm muito mais a proporcionar a todos os atores da comunidade escolar que estejam envolvidos no processo de ensino-aprendizagem virtual. É preciso refletir que a calamidade pandêmica foi/é crucial para a aceitação inevitável da aprendizagem remota global e docentes que continuaram com o fazer docente tradicional, mesmo tendo oportunidade de evoluírem e quebrarem paradigmas, demonstraram que não estão prontos para a educação do futuro. Afinal, é em tempos de crise que evoluímos, nos ressignificamos, nos reinventamos, nos superamos e rompemos barreiras para nos aliançar com as novas exigências que se apresentam no contexto hodierno.

Por outro lado, também tem sido gratificante encontrar profissionais que se adaptaram ao renascer dessa nova realidade educacional, aliançaram-se com a educação informatizada exigida para o mundo moderno e compreenderam que as mudanças que ocorreram não foram momentâneas, pois elas fazem parte de uma realidade sem volta. Dentro desse universo, profissionais contextualizados com a evolução mostram ao mundo parâmetros inovadores do fazer docente e, não obstante, há de se dizer que o útero gestor da revolução educacional 5.0 pertence a esses profissionais que lideram, de forma multidisciplinar, equipes imbuídas de um só objetivo: fazer nascer um ambiente que seja gerador de interação, instrução e formação.

Juana M. Sancho Gil (2017), catedrática da Universidade de Barcelona, é enfática ao dizer que a transformação provém de atitudes. Ao passo que os professores primem em planejar suas aulas, utilizem novas ferramentas, modifiquem a maneira de enxergar o processo de ensino e modifique sua postura frente aos discentes, os alunos tornar-se-ão mais receptivos ao ensino. É vital que a prática docente seja de fato orientadora não para a reprodução ou repetição, mas para a criação de um aluno protagonista na autoria de suas compreensões, reflexões, entendimento. Não obstante, estratégias diferenciadas na práxis docente, fazem-no alcançar mais facilmente as metas que traça para seus aprendizes, sobretudo quando sincronizam tal práxis com propostas online, ferramentas personalizadas que possuem o poder de conduzir o aluno de maneira individual e ainda proveem relatórios para análises dos atores das comunidades educacionais.

3. Metodologia

Para a elaboração deste Artigo foi feita uma pesquisa bibliográfica qualitativa, com o objetivo de descrever o cenário educacional previsto em nosso horizonte, após um período calamitoso instaurado mundialmente. Busca-se refletir brevemente sobre a importância de conceitos, metodologias, aplicações e exigências do mundo hodierno e procura-se abordar

Revista Tecnologias na Educação – Ano 13 – Número/Vol.36 – Edição Temática XVII - **Fórum Práxis Educativas e Chão da Escola** - tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

pontos relevantes a respeito da formação digital requerida para docentes contextualizados com a modernidade. Nesse viés, a fim de enfatizar o necessário perfil de liderança e habilidade na gestão de equipes, buscou-se realizar um necessário cruzamento dos levantamentos de toda pesquisa bibliográfica apontadas nas referências autorais.

4. Análise e Discussão dos Dados

Como visto acima, se não houver intencionalidade pedagógica, a escola pode investir no aparato mais moderno do mundo tecnológico, mas não atingirá seus propósitos. É vital que a cultura escolar seja transformada e renovada continuamente. No entanto, pelo fato de não ser um processo que ocorra do dia para a noite, tal conscientização cultural requer espaço de experimentação e de reflexão contínua no contexto escolar. E, apesar de nos encontrarmos na Revolução 5.0, é alarmante a larga carência de líderes mediadores no processo da formação educacional digital. Conseqüentemente, sem que líderes formadores multipliquem sua prática, docentes da geração Alpha não terão noção de como atuar dentro desse perfil.

Pensar em formação eficaz dentro da realidade brasileira é um grande desafio, principalmente se considerarmos o uso de metodologias ativas tão diferentes das práticas existentes em solo nacional. Quando falamos sobre realidade brasileira, vale ressaltar que não há uma só, mas múltiplas. Algumas mais privilegiadas, outras medianas e muitas são as carentes e desprovidas da presença ou do uso de tecnologias digitais.

Nessas múltiplas realidades, é possível pensar em metodologias ativas desde que seja desenhada uma forma sustentada de implementação, não como uma forma puramente disruptiva em relação ao modelo de ensino considerado “tradicional”, mas caminhando em direção a essa possibilidade (HORN e STAKER, 2015).

Para além da postura pedagógica, esbarramos no problema da estrutura que o Sistema não viabiliza (ou viabiliza muito precariamente), sobretudo nas faculdades públicas brasileiras. Falar teoricamente como deve ser a pedagogia de um docente líder mediador digital sem demonstrar isso na prática afasta -se das prerrogativas da UNESCO, que orienta um ensino do “Aprender a Fazer”. Também vai de encontro aos pilares da Pirâmide de Glasser, que determina níveis para que a aprendizagem ocorra (sendo os mais importantes aspectos o expressar, comunicar, praticar, reproduzir). Não obstante, nosso sistema também esbarra na teoria de Edgar Dale, que resalta os percentuais na taxa de aprendizagem relativa, a qual depende de discussões e aprofundamentos através da prática do educando.

Sendo assim, vemos que é desde a base que a transformação deve ser provida e é muito fácil colocar sobre os ombros dos professores uma adaptação às orientações do BNCC, quando nem sequer existem aparatos mínimos na formação basilar. Visto isso, é necessário abrir esses parênteses e desafiar o Sistema para que, desde o MEC, haja viabilização para a implantação da formação digital, revolução educacional disruptiva, transformação no fazer docente e alcance significativo do mundo dos aprendizes para a facilitação da construção de sinapses e desenvolvimento de competências e habilidades.

5. Conclusões

É inegável que a pandemia proporcionou perdas, sofrimentos e tragédias. No entanto, alguns de nós, como seres resilientes que somos, conseguimos observar o ganho que obtivemos ao avançarmos anos luz no entendimento de que não mais podemos retroceder ou permanecer utilizando as mesmas táticas ultrapassadas pertencentes aos séculos anteriores.

Uma postura docente que zele pela liderança mediadora educacional, calçada na intencionalidade pedagógica, no exercício eficaz da gestão de equipes e em consonância com a revolução tecnológica tem o poder de promover a homeostase, proporcionar consciência coletiva, desenvolver valores humanos, capacitar profissionalmente, derrubar paradigmas e transformar realidades desprivilegiadas.

No entanto, embora o desenvolvimento contínuo deva ser buscado, a reformulação do cenário educacional brasileiro deve ser proporcionada desde os pontos basilares, através da valorização do ensino pelos detentores do poder, que devem não só fazer exigências de aprimoramento, mas também prover capacitação para a viabilização transformadora do chão da escola, seja ele em espaço físico ou virtual.

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA & PRADO, MAIA E. B. B. Integração Tecnológica, Linguagem e Representação. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.com.br/> salto. Acesso em: 19 abr. 2011.

GIL, Juana M. La perspectiva DIY en la universidad: ¡hazlo tú mismo y en colaboración!: Implicaciones pedagógicas y tecnológicas: Educación universitária. Madri: Editorial Octaedro, SL. 2017.

HORN, Michael B. e STAKER. Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

JENKINS, H. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

- JESUS, Saul Neves de. Estratégias para Motivar os Alunos. Educação, Porto Alegre, Jan/Abr. 2008.
- MORIN, E. Educação e Complexidade: os Sete Saberes e Outros Ensaios. Trad. Edgard de Assis Carvalho. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- PRUDÊNCIO, Erivelto Alves; CARVALHO, Jairo de; FERREIRA, José Luis. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e o Sistema de Gerenciamento de Cursos Moodle. In: Formação de Professores em EAD. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007, Módulo 11, Unidade 4.
- REIMERS, F. M. Leading educational change during a pandemic (Reflections, Hope and Possibility). Independet Publisher. Jan. 2021.
- RODRÍGUEZ, E.U. (2013) La importancia del cuidado de los padres para la formación en el liderazgo de los hijos. Tesis doctoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. Disponível em:<<http://eprints.ucm.es/22517/1/T34712.pdf>>. Acesso em: 16/ 02/2018.
- SORIA, A.B.M. & GARCIA, S.I. (2015) Revista Iberoamericana de Educación. N.º 67/2015.
- VALENTE, José Armando. O Papel do Computador no Processo Ensino-Aprendizagem. Artigo série Pedagógica de Projetos e Integração de Mídias. Programa Salto para o Futuro/TV Escola, Set. 2003.
- VASCONCELO, Celso. Desafio da Qualidade da Educação: Gestão da Sala de Aula https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/02/celsovasconcellos-seesp_qualed_gesto_sa_1_1.pdf [Acessado em 19 de setembro de 2021]
- VYGOSTSKY, L.S. Obras escogidas II. Madrid, Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones. 1993.

Recebido em Outubro 2021

Aprovado em Novembro 2021